

D. N. — 9.4.49

BELO RESULTADO

RUBEM BRAGA

O fim da tumultuosa — da vergonhosa — reunião da ABDE, um dos partidários da chapa organizada pelos comunistas procurou o sr. Afonso Arinos, sendo-se autorizado para fazer uma proposta. A respeito da nova diretoria, que minutos antes se tentava impedir com berros e agressões, seria reconhecida por todos; em troca, seriam feitas alterações nos estatutos, de acordo com as pretensões dos comunistas.

A coisa é, aparentemente, razoável. Mas uma associação só pode sobreviver quando há, entre seus membros, um mínimo de respeito e boa fé. Antes das últimas eleições também se fez um acordo. Como os estatutos são omissos em muitos pontos, estes foram acertados por um acordo unânime — notem bem, unânime — da Diretoria e do Conselho Fiscal, do qual participavam comunistas e não comunistas. Assim teríamos eleições limpas, decentes.

Que aconteceu? Na hora do pleito, os comunistas romperam a palavra empenhada. Isto não é uma afirmação que faço no ar. Posso prová-la materialmente com dois documentos escritos. Não o faço porque iria envolver nomes — e nada me parece mais tedioso e inferior que essa mania de ataques pessoais, frequentemente injustos e injuriosos, em que se igualaram, nessa campanha, alguns comunistas e um de seus adversários.

Vimos agora a introdução de um novo processo (bastante velho, aliás...) de vitória eleitoral, que veio se juntar ao processo da má fé: a violência física. A reunião da Diretoria e do Conselho Fiscal foi interrompida por alguns escritores e vários latagões que, pelo físico, pareciam mais membros da Polícia Especial que qualquer outra coisa. Não se envergonharam eles em agredir um homem como Carlos Drummond de Andrade, tentando inutilmente arrebatar-lhe os livros da Associação que alguém lançara violentamente à mesa dizendo não valerem nada, e que o poeta guardara, em sua qualidade de 1.º secretário que acabava de ser empossado da maneira mais clara e insofismável pelo ex-presidente Alvaro Lins, com apoio da maioria dos ex-diretores. Não fôsse a bravura de Carlos, teriam comido os livros, de raiva...

De tudo resultou uma confusão e uma balbúrdia inconcebíveis em qualquer Associação e muito menos em uma que se supõe composta de homens de cultura. Uma solução, absurda em si mesma, porém

manifestamente a única eficiente no momento para evitar novas agressões físicas por parte da P.E. comunista: os livros ficaram sob a guarda dos dois secretários da Mesa da última Assembléia, que estavam ali presentes.

Não tenho a menor dúvida de que os partidários da chapa Afonso Arinos poderiam convocar uma Assembléia Geral e levar a ela uma sólida maioria. Mas para que? Como conseguiriam eles depois governar e tornar útil uma Associação em que a má fé, o desrespeito à palavra empenhada e a violência e intimidação física já foram adotados como armas políticas?

E' verdade que nós, escritores, temos interesses comuns a defender. Há, porém, em nossa classe um grande número que deseja apenas fazer política, e nada mais; e a faz pelos piores processos. E a defesa de alguns interesses materiais não justifica nem de longe o sacrifício e o risco que representa lidar com pessoas que usam de tais processos. Poderíamos pedir amanhã a um homem respeitável como Manuel Bandeira, por exemplo, que fôsse todo mês a uma Assembléia Geral ouvir improperios e levar, pelo menos, empurrões para poder ser considerado escritor?

E há uma perspectiva ainda pior: os integralistas e outros fascistas, interessados em combater os comunistas, já começaram a entrar para a ABDE. Entrariam ainda, algumas centenas deles, mesmo que se exija do candidato a sócio ter livros publicados. E não poderiam deixar de ser aceitos, porque também são escritores. Ora, eles lá dentro iriam proceder, ninguém pode ter dúvida, exatamente como procedem os comunistas: formar grupo e fazer política. Os escritores que, dentro da ABDE, entendem que devem ser apenas escritores ficariam entre dois enormes grupos empenhados em uma guerra política.

A ABDE não é um sindicato e ninguém é obrigado a ser seu membro. A atual Diretoria, eleita por uma margem de 100 votos perfeitamente legítimos, está inclinada a renunciar e retirar-se da Associação. Os que votaram nela certamente a acompanharão. A ABDE ficará apenas com alguns escritores e com uma certa massa confusa de meloletrados.

A isso e a nada mais conduziu a política de má fé e de violência. Eu, por mim, que ainda tenho uma responsabilidade na Associação, dela me retirarei logo que essa responsabilidade cessar. Quando quiser fazer política, farei no meu Partido; e, mesmo sem cartelinha, continuarei a ser escritor, porque vivo disto; e quando quiser lutar entrarei para uma Academia de Jiu-Jitsu... A ABDE como sociedade político-litero-cafageste me parece confusa, desagradável — e indigna.